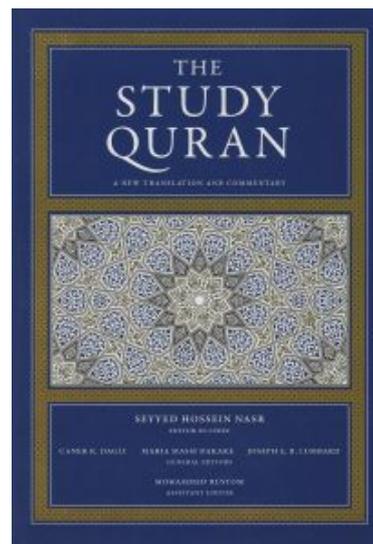


RESENHA

NASR, Seyyed Hossein et al. (Eds.). *The Study Quran: a new translation and commentary*. HarperOne: New York, 2015. 2048p.

Um Alcorão de referência para muçulmanos e não-muçulmanos

FELIPE FREITAS DE SOUZA*



Objetivando suprir a lacuna acadêmico-editorial criada pela inexistência de uma edição comentada do Alcorão, recentemente a HarperOne, braço editorial da HarperCollins, publicou *The Study Quran: a new translation and commentary*. Sua recepção, tanto por não-muçulmanos quanto por muçulmanos, variou de reações que vão do entusiasmo ao desprezo. Em suas mais de duas mil páginas, a equipe de escritores apresenta uma edição de estudo que contempla múltiplas interpretações d'A Mensagem em um único tomo – iniciativa inédita nas línguas europeias. Considerando-se a ausência de uma edição crítica semelhante, a obra resenhada é pioneira.

O Editor Chefe dessa obra, o persa Seyyed Hossein Nasr, tem uma ampla produção acadêmica tanto no Irã quanto nos Estados Unidos, onde leciona na George Washington University. Sua filiação ao perenialismo, ou Filosofia Perene, decorre de seu discipulado com Frithjof Schuon, marcando a obra com essa modalidade da Filosofia da Religião – o que desagradou alguns leitores pelo seu pressuposto da “unidade transcendente” das religiões. Na elaboração do livro, estiveram presentes os editores Caner K. Dagli, Maria Massi Dakake, Joseph E.B.

Lumbard e Muhammad Rustom. Uma das especificações de Nasr para a seleção dos demais editores é de que todos os comentadores fossem muçulmanos (portanto, que todos aceitassem o Alcorão enquanto a Palavra de Deus), de modo que a obra é não só um esforço editorial, mas um empenho de muçulmanos para esclarecerem sobre o Islam.

O esforço para a escrita do *The Study Quran* precisa ser dimensionado. A própria versão em inglês desse Alcorão é de uma qualidade ímpar: a equipe de editores-tradutores é fluente em árabe e tiveram um trabalho de múltiplas mãos, resultando em uma excelente versão. Esse expediente foi mobilizado em duas versões inglesas, como a Saheeh International ou o *Quran: a reformist translation*, mas predominam as versões de autor único, como as de Pickthall e Yusuf Ali, em inglês e de Samir El Hayek e Helmi Nasr, em português. Sua diferença perante todas essas edições está em cotejar nas observações algumas das demais traduções possíveis, oferecendo uma melhor percepção da polissemia corânica.

Cada *tafsīr* (“exegese”) dos quarenta e um estudiosos mobilizados representa uma opinião tradicional no Islam, sendo estudiosos sunitas (maioria), xiitas e

sufis. Tais interpretações, como a de Ibn Kathir, chegam a ocupar dezenas de volumes e somente o esforço em sintetizar as observações de um único intérprete como esse já seria notável: as versões *abridged* (“resumidas”) são recorrentes no meio editorial. Já a explanação a partir dessas interpretações e a discussão delas frente ao texto da Revelação demonstra o porquê da obra ter demorado anos para ser executada. O volume documental consultado é intimidador e encontra-se em árabe. Além disso, o diálogo entre interpretações sunitas e xiitas, complementado pela citação de tradições menores (como a zaidita, mutazilita e batinista), demonstra a complexidade da tarefa de interpretar o Alcorão. Caso não tivéssemos um Alcorão como este, o pesquisador haveria de se debruçar sobre literalmente dezenas e dezenas de obras para poder consultar os comentários compilados pela equipe de Nasr.

Cada um de seus *suwar* (“capítulos”, pl. de *surah*) tem uma introdução que descreve os principais temas e elementos no tocante à revelação daquele capítulo. Esse é um procedimento relativamente incomum, dado que geralmente tais introduções estão relegadas às notas de rodapé, com comentários pontuais. Já nessa edição, as observações chegam a ocupar maior parte da mancha de texto, oferecendo ao leitor um extenso comentário pormenorizado sobre a tradução, sobre sua relação com outros trechos do Alcorão e a tradição interpretativa. Os editores trouxeram então uma 42ª interpretação nesse processo ao estabelecerem o diálogo entre tradições (tão) distintas.

Não bastando as extensas referências, essa edição conta com quinze ensaios após o texto do Alcorão, delineando um

panorama das diferentes discussões que foram construídas nas comunidades muçulmanas. Referem-se à leitura do Alcorão, sua tradução, importância no Islam, influência na língua árabe. Também são discutidos os comentários sobre o Alcorão, fontes, escolas de pensamento, arte, historiografia, ética, trazendo uma apresentação profunda que ultrapassa a mera introdução ao tema. Tais ensaios poderiam compor um livro a parte.

Os mapas ao final do livro ilustram ocorrências que tangenciam a revelação corânica, extra- e supra-textuais ao Alcorão. Ressaltamos que alguns dos mapas estão sem a devida escala e indicação do Norte geográfico, problemas esses que poderiam ser facilmente solucionados. Todavia, são importantes para visualizarmos os episódios na vida do Profeta Muhammad e da primeira comunidade de muçulmanos. Isso também é inovador para um Alcorão, dado que as traduções (em inglês ou português) citadas anteriormente não possuem mapas.

Enquanto aspectos negativos dessa obra, temos a ausência do texto em árabe. As versões em outras línguas costumam ter o texto em árabe em uma coluna paralela à tradução, de modo que o estudante possa comparar com o original sem ter que recorrer a outro livro. A única frase que ocorre em árabe em todos os capítulos (com a exceção do nono, *Surah At-Tawbah*) é a *basmallah*, “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”. Além disso, a maioria dos intérpretes são medievais, sendo somente um deles do século XX: se por um lado isso aproxima o leitor das obras mais recorrentes no tocante a interpretação, por outro afasta o leitor dos diferentes polos do debate contemporâneo no

mundo islâmico sobre a exegese corânica – com exceção da exegese do grupo de Hossein Nasr, única do século XXI que é apresentada. Entretanto, é mérito dos pesquisadores demonstrarem que essas interpretações, por mais antigas que sejam, não reclamam o “monopólio da leitura legítima”, o que pode surpreender quem desconhece a prática do diálogo religioso no Islam. O livro também não oferece a divisão tradicional em trinta *ajza*’ (“partes”, pl. de *juz*’), retirando essa característica editorial comum ao Alcorão. Se o medalhão que envolve a numeração de cada *ayah* (“versículo”) recebeu uma arte especial, como no original em árabe, e a *basmallah* que precede cada capítulo foi encomendada especialmente para essa obra, não teremos maiores semelhanças com a beleza do texto original em árabe que, devido a suas idiossincrasias, é colocado como “intraduzível”.

Feitas essas considerações, o livro difunde uma concepção importantíssima: a de que existem interpretações internas no Islam que devem ser consideradas. Ressalta-se isso porque a crítica que se realiza aos muçulmanos e aos povos orientais acaba por silenciar essas vozes. Os muçulmanos seriam capazes de interpretar seu próprio texto sagrado, como os orientalistas pretendem? Nasr e

sua equipe deixam claro que o fazem a séculos, apesar dessas interpretações serem negligenciadas. É comum, no Brasil, termos grupos de outras religiões, principalmente cristãs, criticando os muçulmanos. Todavia, o arcabouço de discussões é ignorado, como se a voz dos muçulmanos não merecesse ou precisasse ser ouvida acerca de sua própria religião. O *The Study Quran* demonstra para o leitor, independentemente de sua filiação religiosa ou da ausência dela, que a leitura literalista do Alcorão é praticada por uma minoria ínfima de muçulmanos – cf. *Em nome de Deus*, de Karen Armstrong.

O *The Study Quran* não é então a palavra final sobre toda uma tradição, uma interpretação total e totalitária, mas uma versão do Alcorão que os estudiosos do Islam fora do mundo islâmico, envoltos em um ambiente acadêmico secular e laico, poderão considerar enquanto material de referência fundamental. Tanto o pesquisador quanto o muçulmano, ou ainda o muçulmano-pesquisador, poderão se beneficiar de sua abordagem.

*Recebido em 2016-10-07
Publicado em 2016-12-06*



* **FELIPE FREITAS DE SOUZA** é Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; aluno no Instituto Latino Americano de Estudos Islâmicos e membro do Núcleo de Acadêmicos Islâmicos (NAI).